

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO

**O QUE DIZEM AS MULHERES CAMPONESAS DE UNA DE SÃO JOSÉ SOBRE OS
SEUS PROCESSOS DE EMPODERAMENTO?**

LÊDA MARIA SILVA DE SOUZA NETA

JOÃO PESSOA/PB

2018

LÊDA MARIA SILVA DE SOUZA NETA

**O QUE DIZEM AS MULHERES CAMPONESAS DE UNA DE SÃO JOSÉ SOBRE OS
SEUS PROCESSOS DE EMPODERAMENTO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva

JOÃO PESSOA/PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N469q Neta, Leda Maria Silva de Souza.

O QUE DIZEM AS MULHERES CAMPONESAS DE UNA DE SÃO JOSÉ SOBRE
SEUS PROCESSOS DE EMPODERAMENTO? / Leda Maria
Silva de Souza Neta. - João Pessoa, 2018.

42 f.

Orientação: Jeane Felix da Silva. Monografia (Graduação) -
UFPB/Educação.

1. Empoderamento, Práticas Educativas, Camponesas. I. Silva, Jeane Felix da. II.
Título.

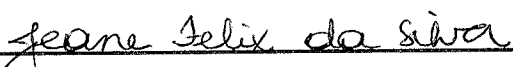
UFPB/BC

LÊDA MARIA SILVA DE SOUZA NETA


**O QUE DIZEM AS MULHERES CAMPONESAS DE UNA DE SÃO JOSÉ SOBRE OS
SEUS PROCESSOS DE EMPODERAMENTO?**

APROVADO EM 05/06/2018

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Jeane Felix da Silva – orientadora (UFPB)



Profa. Dra. Maria do Socorro Xavier Batista - examinadora (UFPB)

Profa. Ms. Érica Jaqueline Soares Pinto - examinadora (UFPB)

“É preciso ter coragem para ser mulher nesse mundo.

Para viver como uma. Para escrever sobre elas”

Clarice Falcão

Dedico este trabalho de conclusão de curso a Deus em primeiro lugar, aos meus pais e a meu filho Gabriel Belarmino.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter sido meu refúgio e fortaleza, aos meus pais Severino e Ivonete, por terem me ajudado a ser a pessoa que sou e também a cuidar todas as noites do meu filho Gabriel, por esses anos, ao meu filho Gabriel, pelo carinho e companheirismo, que mesmo sendo criança foi meu amigo, e com seu sorriso encheu meus dias de alegria, a minha irmã Alderêda por ter sido minha fonte de inspiração, na escolha da minha profissão, sei minha irmã que tudo isso foi para meu crescimento como pessoa e também profissional.

Agradeço a George, meu esposo que logo no início do curso me deu muita força, para eu não desistisse, sempre me incentivou a buscar e enfrentar as adversidades daquele primeiro período, a cuidar do nosso filho.

Aos meus colegas de curso, sintam –se todos/as representados/as, tenho muito mais que agradecer pois acabei ganhando uma nova família aquele que escolhi, tivemos desavenças sim, pois quem já viu uma família sem conflitos? Mas tenho certeza que com elas nos tornamos ainda mais fortes.

Sem esquecer aqueles que não eram da mesma turma que eu, mas que se tornaram amigos: Jaqueline e Ana Clara, obrigada Ana Clara por acreditado no meu potencial, aquela que me encorajou na delimitação do tema, com suas palavras de força, me fizeram acreditar que eu seria capaz, aos amigos/as que conquistei no ônibus, Ellen Lima e Anderson Santos.

Agradeço a todos os meus professores, a Universidade Federal da Paraíba, que foram de fundamental importância na minha vida acadêmica.

A professora Jeane Felix da Silva por ter aceitado ser minha orientadora, no trabalho de conclusão de curso, suas contribuições foram de fundamental importância na construção desse trabalho.

Sylvia Maione a você minha amiga, mulher guerreira e de fibra, minha companheira dos trabalhos acadêmicos, pela paciência e sabedoria durante nossa formação, as linhas são poucas para expressar o tamanho da minha gratidão a você.

Aqui também expresso os agradecimentos as mulheres da Associação de Una de São José, em especial a presidente Maria que foi muito prestativa durante toda a pesquisa.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso intitulado **O QUE DIZEM AS MULHERES DE UNA DE SÃO JOSÉ SOBRE OS SEUS PROCESSOS DE EMPODERAMENTO?** Teve dois objetivos: a) conhecer as práticas educativas desenvolvidas pelas integrantes da Associação das Mulheres de Una de São José; b) refletir sobre a importância das práticas educativas desenvolvidas pela Associação no empoderamento dessas mulheres. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas com oito mulheres associadas visando conhecer a partir de suas falas o que pensam sobre seus processos de empoderamento. Desse modo, os resultados analisados apontam para mudanças que estão acontecendo nas vidas dessas mulheres após tornarem-se associadas. Nas falas dessas mulheres ficam bem claras as contribuições da Associação a partir das práticas educativas que desenvolve e também por aquelas ofertadas pelas instituições parceiras Casa do Empreendedor Municipal. Conclui-se que o empoderamento de mulheres é um tema que ainda precisa ser discutido e disseminado, não apenas dentro da comunidade de Una de São José, mas nas universidades e em todos os locais aos quais as mulheres fazem parte.

Palavras-chaves: Empoderamento, Práticas Educativas, Camponesas.

ABSTRACT

This work of conclusion of course titled WHAT THE WOMEN FROM UNA DE SÃO JOSÉ SAY ABOUT THEIR EMPOWERMENT PROCESSES? had as objectives: a) to know the educational practices developed by the members of the Association of Women of Una de São José; b) to reflect on the importance of the educational practices developed by the Association in the empowerment of these women. In this sense, interviews were carried out with eight associated women in order to know from their speeches what they think about their empowerment processes. Thus, the results analyzed point to changes that are happening in the lives of these women after becoming associated, in the statements of these women, the contributions of the Association are clear from the educational practices it develops and also from those offered by the partner institutions. It is concluded that the empowerment of women is an issue that still needs to be discussed and disseminated, not only within the community of Una de São José, but in the universities and in all places to which women belong.

Key-words: Empowerment, Educational Practices, Peasants.

LISTA DE SIGLAS

CE - Centro de Educação

DEC- Departamento de Educação do Campo

EMATER- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

ENERA- Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária

MEC - Ministério de Educação

MSC- Movimentos Sociais do Campo

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

PB-Paraíba

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. CAMINHOS METODOLÓGICOS..... | 15 |
| 1.1 A Associação das mulheres da Una de São José | 17 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO | 20 |
| 2.1 A Educação do Campo | 20 |
| 2.2 Gênero..... | 23 |
| 2.3 Empoderamento de Mulheres | 24 |
| 3. GÊNERO E EMPODERAMENTO NA VISÃO DAS MULHERES DA ASSOCIAÇÃO DE UNA DE SÃO JOSÉ | 27 |
| 3.1 Perfil das mulheres , sujeitos da pesquisa..... | 27 |
| 3.2 As práticas educativas realizadas da Associação de Una de São José | 28 |
| 3.4 Quais mudanças ocorreram em sua vida após tornar-se associadas? | 31 |
| 3.5 Motivações e empoderamento | 32 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 34 |
| REFERÊNCIAS | 35 |
| APÊNDICES | 37 |
| APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 38 |
| APÊNDICE- B ROTEIRO DE ENTREVISTAS | 39 |

INTRODUÇÃO

Sou filha de uma mulher que viveu da agricultura, mas que com o passar dos anos, precisou ir para a cidade em busca de melhores condições de vida, já que no campo, assim como de muitas outras mulheres a vida, era marcada inúmeros conflitos. A luta pela terra, para permanecer na terra ou quando se decide sair da terra para trilhar novos caminhos e espaços para melhorar sua condição de vida é algo que atravessa a trajetória da minha mãe e de minha família. Posso dizer que a temática deste trabalho perpassa pela minha vida pessoal, já que o motivo pelo qual desejei escrever sobre as mulheres camponesas está nas minhas raízes familiares.

O que me levou a pesquisar sobre a Associação das Mulheres de Una de São José é minha ligação com aquela comunidade, na qual trabalho há mais de 5 anos, na escola da comunidade e onde contribuo com a resolução coletiva de questões que envolvem os membros da comunidade, e pela qual tenho um grande carinho e desejo de contribuir ainda mais, a partir dos resultados desta pesquisa, com reflexões sobre o fortalecimento e o empoderamento das mulheres da comunidade.

Além disso, a escolha deste tema se dá pela minha condição de mulher que reconhece as lutas pelas quais mulheres da comunidade, como eu, enfrentam no cotidiano, tais como: trabalhar, cuidar e educar os filhos e filhas, cuidar da casa, ser esposa e estudar, ter uma tripla jornada e ainda sofrer discriminação salarial, ganhando menos que os homens, realidade que atinge ainda mais as mulheres camponesas.

As lutas, o empoderamento, as conquistas e as jornadas que as mulheres vivenciam no campo, precisam ser disseminadas e as questões de gênero evidenciadas. A temática das lutas das mulheres por condições de igualdade em relação aos homens, leva à tona marcas profundas na história das mulheres, nos fazendo perceber a origem da negação de direitos básicos, os efeitos do patriarcado que segundo o dicionário Aurélio é um “ tipo de organização social em que a autoridade é exercida por homens”, e diversas violências que assolam todas nós com violência física, sexual e psicológica.

As desigualdades e violências se desencadeiam em consequências que afligem as mulheres nos mais variados âmbitos: sociais, políticos, familiares, religiosos, educacionais, culturais etc. Na história brasileira, constatamos que os processos de exclusão social, política, econômica e cultural das mulheres sempre estiveram presentes e são tidos “naturais”. Nesse contexto, os padrões da sociedade machista, elitista, classista, racista, discriminatória e patriarcal determinam setores e lugares diferenciados para mulheres e homens, reservando a

eles os melhores lugares. Nessa perspectiva, mulheres e homens são ensinadas/os a ocupar determinados papéis. Segundo Louro (1997, p.24)

Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, essa concepção pode se mostrar redutora ou simplista. Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais.

Essas questões se intensificam quando consideramos as mulheres que vivem em território camponês, na medida em que o “território campo”, por si só, já possui um histórico de desigualdade e violência. A trajetória do povo camponês tem sido marcada pela desvalorização de seus saberes, suas histórias, sua cultura. Contudo, os camponeses e camponesas, conforme descritos por Martins (1995), são “rebeldes e insubmissos capazes de transformações”, no sentido de não se conformarem com as situações de opressão determinadas socialmente, se organizando por meio das lutas para conquistar os direitos que lhes foram (e continuam sendo) historicamente negados.

As mulheres camponesas, como parte do campesinato, permanecem em uma história de luta e resistência e, desempenhando distintos papéis na estrutura familiar. Neves e Medeiros (2013), organizaram uma coletânea de artigos sobre Mulheres Camponesas, seus trabalhos produtivos em diversas áreas como na pesca, no artesanato, na produção de queijo, na agroecologia e outros e com seus engajamentos políticos. Tais estudos apontam que, mesmo apesar das dificuldades da vida no campo, as mulheres lutaram (continuam lutando) e transformaram (continuam transformando) as suas histórias (MARTINS, 1995).

Partindo desse pensamento, este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objeto de pesquisa as práticas educativas realizadas pelas mulheres camponesas da associação das Mulheres de Una de São José e a contribuição dessas práticas para o empoderamento delas e dos demais coletivos aos quais estão vinculadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada com as mulheres integrantes da Associação das Mulheres de Una de São José, localizada na Una de São José, no município de Pedras de Fogo – Paraíba. Acredito que esta pesquisa poderá contribuir com a comunidade de Una de São José, na medida em que busca valorizar a associação das mulheres como meio de permanência das mulheres na localidade em que estão inseridas, e como meio de contribuir com a renda familiar e a valorização da mulher que luta.

Entendo que as mulheres camponesas desenvolvem um importante papel na ‘força de trabalho familiar’, a qual caracteriza o campesinato, por ser uma classe que envolve todos os membros, independente do gênero, da idade, da etnia, dos modos de vida, do trabalho e da

produção no campo (OLIVEIRA, 2007). No entanto, na sociedade patriarcal em que vivemos, as mulheres, em geral, são responsabilizadas por cuidarem de suas casas e filhos/as, mesmo que tenham as atribuições laborais semelhantes às de seus maridos, o que torna a jornada delas muito mais pesada e isso também se reproduz para as mulheres do campo. Entende-se que a mulher camponesa detém muitos e diversos saberes capazes de (re)significarem suas próprias vidas e, bem como os espaços nos quais se inserem (OLIVEIRA, 2007).

Inúmeras lutas caracterizam a vida da mulher camponesa, especialmente se nos retratarmos às condições às quais são relevadas: 'de ajuda, de cuidadora' que a torna responsável por duplas, triplas jornadas de trabalho, sendo muitas vezes, invisibilidades nestas funções. A mulher vem conquistando espaços na sociedade, dentre eles, o da educação, historicamente reservado aos homens. Às mulheres camponesas, todavia, a educação tem sido historicamente negada e essa negação se dá por meio de estratégias às vezes muito sutis.

Há alguns anos constata-se que as mulheres têm mais acesso à educação, no entanto mais anos de escolaridade não representa a anulação das desigualdades de gênero, como podemos verificar no meio rural. A ideologia presente na escola reproduz as iniquidades de gênero e pouco enfatiza na formação para o desenvolvimento humano, em lugar disso, prepara os indivíduos para o mercado de trabalho ou mão de obra, pois "a educação é vista não apenas como forma de as pessoas se tornarem economicamente mais produtivas, mas como uma condição para a liberdade"(SILVA, 2009, p.5)

Durante o processo histórico brasileiro, a mulher sempre foi inferiorizada, sem direito a participar das decisões políticas e familiares, seu primordial papel era cuidar da família. Com o passar dos anos, as mulheres tiveram o direito ao voto e começaram a ganhar mais representatividade na sociedade. Um movimento foi criado para defender o direito da mulher ao voto que foi chamado sufrágismo.

Na virada do século, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado "sufragismo", ou seja, no movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufrágismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a "primeira onda" do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento (Louro,1997. p,14).

Todavia, se por um lado essas mulheres têm tido pouco acesso à educação escolar, os movimentos sociais têm se organizado para ofertar práticas educativas que contribuam para

melhorar a qualidade de vida dessas mulheres, ensiná-las, por exemplo, sobre questões de gênero e empoderamento, pressupostos de organização popular, geração de renda, economia solidária. No cenário educacional, a educação não escolar aparece como uma forma de tornar acessível às camadas mais populares uma educação em lugares aos quais se pensavam que seria impossível desenvolver processos formativos. Ou seja, o fato de muitas mulheres camponesas não terem tido acesso à educação escolarizada não implica dizer que elas não passaram por processos educativos, muitas vezes desenvolvidos pelas próprias mulheres que educam umas às outras.

A associação das Mulheres de Una de São José, segundo relato de sua presidente, busca proporcionar processos educativos às mulheres em seu espaço. A educação não escolar, segundo Severo (2015, p.5), se dá como um “cenário de proliferação de iniciativas cada vez mais visíveis de desenvolvimento de processos formativos em espaços não convencionais de ensino e aprendizagem”. Os processos educativos desenvolvidos pela Associação de Mulheres estudada busca ampliar os conhecimento das mulheres nas mais amplas questões, conforme fala da presidente descrita a seguir.

“Trabalhar o empoderamento das mulheres e trabalhar a não violência contra as mulheres esse é o maior objetivo nosso e discutir os direitos das mulheres nos compartimentos públicos, nos conselhos. Como a gente já faz parte dos conselhos e a gente já trabalha isso, políticas para as mulheres, principalmente nos conselhos da agricultura, é onde a gente mais trabalha as políticas para as mulheres”. (Maria¹)

Desse modo, este TCC visa responder à seguinte pergunta de pesquisa: de que modo as práticas educativas realizadas pelas mulheres camponesas da associação das Mulheres de Una de São José contribuem para o empoderamento delas e dos demais coletivos aos quais estão vinculadas? Para responder à esta pergunta, este TCC tem os seguintes **objetivos**: a) conhecer as práticas educativas desenvolvidas pelas integrantes da Associação das Mulheres de Una de São José; b) refletir sobre a importância das práticas educativas desenvolvidas pela Associação no empoderamento dessas mulheres.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado da seguinte forma: o Capítulo 1 apresenta os caminhos metodológicos da pesquisa; o Capítulo 2 sinaliza o referencial teórico utilizado, o Capítulo 3 apresenta a análise dos dados coletados e, por fim, apresento as considerações finais.

¹ Nome fictício utilizado por questões éticas.

1. CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que sustenta este trabalho de conclusão de curso foi realizada com as mulheres camponesas da Associação das Mulheres de Una de São José, localizada comunidade rural de Una de São José, no município de Pedras de Fogo, Paraíba. Trata-se de uma pesquisa de perspectiva da pesquisa qualitativa, por se tratar de um tipo de pesquisa que visa o aprofundamento da compreensão da temática em questão, qual seja: o empoderamento feminino sem a preocupação com a quantificação dos resultados. Segundo Minayo (2001, p.22), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Desse modo, a pesquisa qualitativa é a mais que se adequa aos anseios do meu TCC.

Esta é uma pesquisa do tipo descritiva, a qual se configura como a mais tradicional das pesquisas, ela descreve as características de determinada população, determinado fenômeno e os interpreta. Gil (2008, p.28) define este tipo de pesquisa como sendo:

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados(...) Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Neste caso tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Por outro lado, há pesquisas que, embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos etc.

Para atingir os objetivos desta pesquisa, utilizei como instrumento de coleta de dados entrevista. Esse instrumento me possibilitou compreender, por meio dos relatos orais, as práticas educativas realizadas pela Associação e as contribuições das mulheres que dela participam. O processo de entrevista é entendido por Gil (2008, p. 128) como “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formulam perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. A entrevista é, portanto, “uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”.

De tipo participante, de acordo com Fals (1983, p.43) é aquela que responde, especialmente, “as necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores, índios e pessoas das classes populares mais carentes nas estruturas sociais da contemporaneidade, pois é levada na sua construção em conta as aspirações e potencialidade de conhecer, agir e transformar.” Outra característica que definiu a minha escolha pela pesquisa participante que nela é possível o envolvimento com as pessoas pesquisadas.

O roteiro utilizado na entrevista está disponível como apêndice deste TCC. Cabe informar que todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Onde todas as entrevistadas concordaram em participar da pesquisa e está concordância ocorreu mediante a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), também disponibilizado com apêndice deste trabalho. As mulheres entrevistadas tiveram seus nomes substituídos por nomes fictícios para preservar as suas identidades.

Para acessar a Associação solicitei um encontro com sua Presidente por meio de um aplicativo de mensagens, o WhatsApp. Ela respondeu minha mensagem aceitando participar da pesquisa e se mostrando contente com o tema escolhido neste estudo. Nesse sentido, no dia 04 de abril deste ano, peguei o ônibus que leva os/as professores/as para a Comunidade de Una de São José, na cidade de Pedras de Fogo, às 12:30. A presidente, que também estava na cidade, foi junto no mesmo transporte. Neste dia, ela havia marcado uma reunião com as participantes da Associação, que ocorreria às 14:30, no prédio que é cedido pela Igreja Assembleia de Deus da comunidade.

Aproximadamente às 15:00 horas, demos início a nossa conversa. Nesse momento, apresentei a presidente o TCLE, para que ela assinasse, dando assim autorização para poder acessar as informações sobre a pesquisa (objetivos, metodologia, instrumento de coleta de dados etc.). Neste primeiro dia de desenvolvimento da pesquisa junta à Associação, só compareceram à reunião, além de mim e da presidente, uma associada. Perguntei à presidente sobre como acontecem essas reuniões e com qual frequências as mulheres participam. A resposta da presidente foi a seguinte: “*minha grande dificuldade é que muitas dessas mulheres trabalham, às vezes em dois horários e não podem faltar ao trabalho para vir às reuniões*”. Sugeri a que ela trocasse as reuniões para o dia de sábado como estratégia para ampliar a participação das associadas. Neste dia, realizei as entrevistas com a presidente Maria e com a associada que esteve presente, Aline.

Tive dificuldade em acessar as outras mulheres pois, durante o período das entrevistas, não estava acontecendo nenhum curso na instituição. Com isso, pude perceber que as mulheres participam mais quando a Associação está ofertando algum curso junto com a Casa

do Empreendedor Municipal, uma vez que apesar de elas falem que “não tem tempo” para as reuniões, acabam dando um famoso “jeitinho” quando se trata da realização dos cursos.

No segundo dia de entrevistas, 17 de abril de 2018, saí da cidade de Pedras de Fogo às 13:00, à caminho da comunidade de Una de São José. Desta vez, utilizei meu carro. A presidente se dispôs a ajudar a localizar algumas das mulheres associadas, fomos no trabalho e nas casas de algumas delas e, assim, consegui entrevistar mais cinco mulheres.

No terceiro dia de entrevistas, dia 19 de abril de 2018, fui novamente ônibus dos/as professores/as às 6:30. Consegui entrevistar mais uma mulher e, para isso, precisei ir à casa dela.

Desse modo, este TCC contou com a participação de oito mulheres, entrevistadas no mês de abril deste ano e, conforme descrevi, essas mulheres foram acessadas de diferentes formas. As entrevistas ocorreram dentro do esperado, apenas com a intercorrência de encontrar as mulheres fora da associação, e os dados delas decorrentes serão descritos no capítulo de análises deste trabalho.

1.1 A Associação das mulheres da Una de São José

A comunidade tem como base a agricultura familiar, na qual todos da família participam efetivamente da produção agrícola, sendo que sua principal cultura é a plantação de abacaxi. Na comunidade existem duas escolas municipais, que estão divididas em Educação Infantil e Ensino Fundamental I e a outra com Ensino Fundamental II onde funciona um anexo de escola estadual para o ensino Médio. Na saúde, a comunidade tem uma Unidade de Saúde da Família e conta com atendimentos clínico e especializado (fonoaudiologia, psicologia e nutrição).

A comunidade tem também uma igreja evangélica e é no refeitório dessa instituição que funcionam os encontros e cursos ofertados pela Associação. A associação foi fundada no ano de 2014, a idealizadora foi a senhora Maria, atual presidente da instituição. Atualmente, conta com 40 mulheres associadas, mas apenas 12 participam com frequência das reuniões e cursos. É importante apontar que a Associação funciona em um prédio cedido pela Igreja Assembleia de Deus na comunidade, o que aponta um vínculo entre a associação e uma igreja evangélica de matriz cristã. Nesta parte do trabalho, trarei trechos da entrevista realizada com a presidente da Associação.

Durante a nossa conversa, a presidente da Associação relatou que seu sonho é :

Conseguir um terreno para construção de um espaço, um local abrir novos projetos, que a gente vê aí nas associações e em comunidades rurais, que a gente é diferenciada, nós não somos associação de bairro, associação de bairro tem totalmente um objetivo diferente da associação da zona rural e associação da zona rural, sempre quando a gente é...

Maria fala como organizou-se para formar a Associação:

Eu me organizei com as mulheres, que era um sonho meu, criar essa associação de mulheres e também no passado consegui realizar uma associação de mães, que por causa da associação dos agricultores a EMATER- PB (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba) veio e derrubou, disse que era melhor que as mães se associassem associação dos agricultores.

Com a falta de apoio político, de outras gestões, ela afirmou que a criação da associação só tornou-se possível com uma nova gestão do prefeito Derivaldo Romão, em 2012. O objetivo de criar a Associação das mulheres para trabalhar o empoderamento das mulheres e não violência contra as mulheres se concretizou. Com a criação da Associação as Mulheres de Una de São José, as mulheres da comunidade ganharam mais representatividade em outros espaços, a exemplo do Conselho Tutelar. Nas palavras de Maria:

O conselho tutelar é o trabalho é mais conhecido na cidade. Eu acho assim, como a sede é na cidade, sempre que tem reunião, faço a intervenção na fala da presidente, que eles só fazem no local na cidade. Ela falou que a associação já trouxe para a comunidade para as festividades para as visitas, eu sempre incentivo o conselho tutelar, o conselho não é só para punir, porque o conselho tutelar é para apoiar e eu já tive esse apoio. O povo pensa que o conselho tutelar chega para denunciar o pai que bateu mas não é.

Quando a questioneei sobre essa relação dela com as mulheres que buscam nela o apoio para as mais diferentes situações, ela relatou que:

[por meio] do Facebook, no whatsapp as mulheres me procuram e tiram suas dúvidas. [inclusive] as gestantes que as vezes nem são da comunidade, e [que] como participo dos conselhos [buscam por ajuda].

O fato de que outras mulheres procuram por Maria e pela Associação, demonstram a importância da instituição para as mulheres da comunidade. Além do trabalho na Associação, Maria também desenvolve uma atividade junto à gestão do município, que é o de assessora de políticas para as mulheres dentro do Conselho de Agricultura. Ela fala que por conta de seu papel, *muita gente a conhece em outras comunidades, Canaã, Cabana, Fazendinha, Campo Verde e Tabatinga para discutir as políticas para as mulheres.*

No relato da presidente, fica nítido seu desejo de trabalhar muito o empoderamento das mulheres, mas, em suas palavras:

É uma questão muito polêmica, muito difícil. A gente colocar na cabeça de uma mulher que ela é livre, que ela pode e que ela quer, que ela pode estar onde ela quiser, a gente vê aí que a câmara perdeu três mulheres mas a gente sabe que as mulheres que estavam lá não estavam discutindo políticas para as mulheres pois o interesse era outro, só que a gente tem que trabalhar as políticas para as mulheres com as leis que têm na câmara. Não existe coordenadoria para as mulheres em Pedras de Fogo e em Itambé já existe. Não existe centro de referência que dê um apoio a essa mulher violentada em Pedras de Fogo e em Itambé já existe. Não existe nenhum centro nem comunitário que dê apoio à essas mulheres, então, a gente criou a Associação com esse objetivo, e não trabalhar só o empreendedorismo, mas a opressão, porque violência não é só física, violência também é psicológica, a violência verbal, você tirar o seu direito de tirar o seu dinheiro da Bolsa Família, que esse direito foi priorizado pelo governo da presidente Dilma e também o Programa Minha Casa Minha Vida. O Fomento Mulher, que foi criado por Dilma, que é a mulher que recebe 3.000,00 (três mil reais) do governo federal e investe no seu roçado só paga 600,00 (seiscentos reais), fomento mulher mas muitas vezes a mulher, só vai levar o nome e o cadastro e quem recebe é o marido, isso é a realidade. Por que? Porque essa mulher não tem conhecimento, essa mulher não tem o entendimento que aquele direito é dela, que aquilo ali vem para ela não para o marido.

O relato da entrevista de Maria demonstra as dificuldades de promover ações voltadas ao empoderamento das mulheres e isso indica efeitos das relações de gênero na comunidade, quando é a mulher que tem o direito, mas o marido que o usufrui. Durante a conversa, Maria mostrou que sua luta nas reuniões sobre o empoderamento, estão sempre presentes além do empreendedorismo para emancipação feminina.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresento os principais conceitos utilizados para fundamentar teoricamente este trabalho, quais sejam: educação do campo, gênero e empoderamento de mulheres. Cada um desses conceitos foi abordado em um item específico deste capítulo, conforme descrevo a seguir.

2.1 A Educação do Campo

Durante a trajetória do processo de escolarização em nosso país, as classes populares passaram por processos de exclusão, na cidade e no campo, sendo maiores os prejuízos para a população que vive no campo, com marcas que seguem até os dias atuais. As crianças, jovens e adultos/as que vivem no campo têm o direito à Educação garantido na Constituição Federal de 1988. A educação, conforme exposto na Constituição, Art. 205, é definida como “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

Portanto, todos/as os/as cidadãos que vivem no território brasileiro têm assegurado o direito à Educação, o que não significa ter garantia de acesso e permanência às escolas. Durante muitos anos, as populações camponesas sofreram sem acesso à educação, precisando ir em busca de educação na cidade, pois no campo, quando haviam escolas, eram distantes, os/as alunos/as ficavam sem aulas e quando eram dias de chuvas esse acesso se tornava ainda mais difícil.

O campo sempre foi um local de luta. Segundo Caldart (2001, p. 2) “O campo no Brasil está em movimento. Há tensões, lutas sociais, organizações e movimentos de trabalhadores e trabalhadoras da terra que estão mudando o jeito da sociedade olhar para o campo e seus sujeitos”. A luta para que as crianças e jovens (e também os/as adultos) do campo possam exercer o direito à educação tem sido cotidiana. Nas lutas pela terra também sempre esteve presente a luta por uma educação para os/as moradores/as do campo, educação nos assentamentos para os/as filhos/as dos/as assentados/as. A luta não era (não é) por uma educação qualquer, mas uma educação que promovesse a emancipação dos sujeitos do campo e atendesse as suas especificidades.

No entorno das lutas e conflitos agrários, a luta por educação e por uma escola do/no campo as mulheres foram de fundamental importância, elas são as precursoras, pois a partir de sua mobilização em busca de um direito que é seu e de todos/as, que é a educação, os movimentos de pessoas do campo organizaram-se para garantir educação para seus filhos/as. Particularmente em relação ao movimento dos trabalhadores e trabalhadoras sem terra (MST), Caldart (2003, p.3) afirma que:

As famílias sem-terra mobilizaram-se (e mobilizam-se) pelo direito à escola e pela possibilidade de uma escola que fizesse diferença ou tivesse realmente sentido em sua vida presente e futura (preocupação com os filhos). As primeiras a se mobilizar, lá no início da década de 80, foram as mães e professoras, depois os pais e algumas lideranças do Movimento; aos poucos as crianças vão tomando também lugar, e algumas vezes à frente, nas ações necessárias para garantir sua própria escola, seja nos assentamentos já conquistados, seja ainda nos acampamentos. Assim nasceu o trabalho com educação escolar no MST.

Essa luta tornou-se mais intensa e organizada quando o movimento tratou de criar um setor interno para discutir qual a educação seria oferecida aos/as assentados/as, quais práticas pedagógicas e a formação do/a professor/a que deveria atender aos anseios do movimento. De acordo com Caldart (2003, p. 3):

A criação de um Setor de Educação dentro do MST formaliza o momento em que esta tarefa foi intencionalmente assumida. Isto aconteceu em 1987. E a partir de sua atuação o próprio conceito de escola aos poucos vai sendo ampliado, tanto em abrangência como em significados. Começamos lutando pelas escolas de 1ª a 4ª série. Hoje a luta e a reflexão pedagógica do MST se estendem da educação infantil à Universidade, passando pelo desafio fundamental de alfabetização dos jovens e adultos de acampamentos e assentamentos, e combinando processos de escolarização e de formação da militância e da base social Sem Terra.

A realidade na qual os/as assentados/as viviam sempre foi uma preocupação do movimento, que inseriu nas suas pautas de reuniões a luta pela uma escola que estivesse dentro dos assentamentos, tornando a educação mais uma das lutas do movimento.

Podemos afirmar hoje que o MST incorporou a escola em sua dinâmica, e isto em dois sentidos combinados: a escola passou a fazer parte do cotidiano e das preocupações das famílias Sem Terra, com maior ou menor intensidade, com significados diversos dependendo da própria trajetória de cada grupo, mas inegavelmente já consolidada como sua marca cultural: acampamento e assentamento dos sem-terra do MST têm que ter A Escola do Campo em Movimento escola e, de preferência, que não seja uma escola qualquer; e a escola passou a ser vista como uma questão também política, quer dizer, como parte da estratégia de luta pela Reforma Agrária, vinculada às preocupações gerais do Movimento com a formação de seus sujeitos (CALDART, 2003, p.62).

Com a demanda dos movimentos sociais, principalmente pelo MST, foi criada uma nomenclatura para educação dos povos do campo, após a I Conferência Nacional, realizada em 1998, conforme trecho a seguir.

O surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como Educação Básica do Campo no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. Passou a ser chamada Educação do Campo a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004 (CALDART, 2012, p.257).

No processo de construção da identidade escolar do campo, houveram várias discussões acerca da troca da nomenclatura da escola rural para escola do campo, como podemos ver no trecho a seguir:

Utilizar-se-á a expressão campo, e não a mais usual, meio rural, com o objetivo de incluir no processo da conferência uma reflexão sobre o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência desse trabalho. Mas, quando se discutir a educação do campo, se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural. Embora com essa preocupação mais ampla, há uma preocupação especial com o resgate do conceito de camponês. Um conceito histórico e político... (KOLLING; NERY; MOLINA, 1999, p. 26 *apud* CALDART, 2012, p. 257)

O MST, após inúmeras discussões, definiu que a escola do campo teria que atender as especificidades dos/as camponeses/as, pois no campo a questão da sazonalidade e da colheita, é um fator que deve ser visto como uma particularidade dos/as assentados/as pois, nesse momento, os/as alunos/as deixam de participar das aulas para ajudarem seus familiares no trabalho agrícola. Isso era fundamental para que eles/as não fossem prejudicados/as com a ausência nas aulas e a partir dessas particularidades foi criado um novo modelo de escola.

Um exemplo simples pode deixar esta situação bem clara. No Rio Grande do Sul temos aprovada desde novembro de 1996 a chamada *Escola Itinerante dos Acampamentos*, com um tipo de estrutura e proposta pedagógica criada especialmente para acolher as crianças e os adolescentes do povo Sem Terra em movimento.³ Temos agora, mas foi preciso uma luta de 17 anos (isto mesmo!) para conseguir o que seria o mais ‘normal’, porque justo, e que até já se tornou um direito constitucional: é a escola que deve ajustar-se, em sua forma e conteúdo, aos sujeitos que dela necessitam; é a escola que deve ir ao encontro dos educandos, e não o contrário (CALDART, 2003, p.4)

2.2 Gênero

Para que a educação do campo se estabeleça em escolas que promovam a igualdade, é fundamental que elas estejam atentas às desigualdades existentes socialmente entre homens e mulheres. As relações entre homens e mulheres estão marcadas por processos de exclusão, de lutas, que perpassam gerações. Num contexto de desigualdades, são as mulheres aquelas que mais sofrem e isso se reflete também nas relações sociais existentes no campo. Segundo Ckagnazaroff e Machado (2008, p. 2),

Gênero é o sexo socialmente construído. A natureza define dois sexos biológicos (homens e mulheres), e cabe à sociedade agregar a esse dado natural diferentes valores, significados, atributos, etc. Segundo essa definição, temos dois modelos de classificação do mundo: o masculino e o feminino, que a sociedade constrói e que orientam a socialização de homens e mulheres.

Se levarmos em consideração apenas o fator biológico que “determinam” o sexo entre homem e mulher, e deixar de lado suas características indenitárias, estaremos classificando as mulheres e homens como se todas fossem iguais. De acordo com Ckagnazaroff e Machado (2008), estaríamos padronizando as mulheres como um ser feminino e o homem como um ser masculino, com traços e ações específicas de cada gênero. Essa percepção posiciona homens e mulheres em lugares diferentes na cadeia da opressão e, dessa maneira, estaríamos deixando veladas uma série de outros fatores que hierarquizam as relações entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres, tais como raça, classe, escolaridade, geração etc. Essas questões ficam ainda mais latentes quando relacionadas aos papéis desempenhados nas relações de trabalhos entre homens e mulheres, quando um empregador deixa, por exemplo, de contratar mulheres ou homens em determinadas funções socialmente atribuídas a um dos sexos.

Em geral os “padrões da nossa sociedade”, mostra as relações e diferenças entre homem e mulher no mercado de trabalho, nas condições e acesso a educação, saúde, e remuneração, as mulheres que ganham menos dos que os homens quando exercem a mesma função. Partindo dessas condições as quais as mulheres enfrentam no seu cotidiano, devemos lutar para que esses estereótipos de gênero, que já foram criados pela sociedade, sejam rompidos e transformados em novas aspirações.

Torna-se necessário que as mulheres sejam não apenas objetos das políticas públicas, mas também protagonistas e que a sua participação, iniciada normalmente no “âmbito comunitário”, estenda-se aos demais níveis de ação política, além do bairro e da circunvizinhança. O significado deste engajamento das mulheres

transcende o suprimento de necessidades objetivas, como saúde e educação e remete ao universo das “mediações simbólicas”, em que elas se transformam em sujeitos da própria vida e enxergam a possibilidade de romper os limites da esfera privada e de possuir novas aspirações e sonhos (MACEDO et al., 2003, p. 2).

Dito isso, cabe indicar que as mulheres do campo também sofrem em virtude das desigualdades de gênero e lutam coletivamente para terem seus direitos respeitados. A Associação de Mulheres de Una de São José é um exemplo de organização de mulheres que luta pelos direitos das mulheres a partir de estratégias educativas que visam o seu empoderamento que a presidente deixou bem claro durante a nossa conversa. No próximo item, passo a falar sobre o empoderamento de mulheres.

2.3 Empoderamento de Mulheres

O termo empoderamento ganhou espaço na literatura em meados dos anos de 1970 a 1980, com trabalhos voltados às relações de poder e pobreza. Segundo Ckagnazaroff e Machado “existem duas grandes concepções sobre poder. A primeira considera o poder como capacidade de controle sobre algo ou alguém: quando uma pessoa ou grupo é capaz de controlar de alguma forma as ações ou possibilidades de outros” (LORIO, 2002 *apud* CKAGNAZAROFF e MACHADO, 2008, p.5).

Gita Sen (1997) afirma que empoderamento é mudar as relações de poder à favor dos que o possuem menos. E se poder significa controle, como afirma esta concepção, o empoderamento é um processo de ganhar controle. A segunda analisa o poder como relacional; constituído a partir de uma rede de relações sociais entre pessoas que têm algum grau de liberdade; e somente existe quando se usa.

Nessa concepção tradicional, o poder está atrelado a pobreza e se esse elo fosse desfeito a pobreza poderia acabar em todo o mundo. Essa concepção chamou a atenção de vários pesquisadores da época, Ckagnazaroff e Machado (2008, p.4) afirmam que houve um,

intenso debate travado naquela década centrou sua atenção na relação entre “poder” e “pobreza”. Nos anos 1980, vários pesquisadores (Pearce e Stifel, 1980; Galjart, 1982; Bhasin, 1984; Rahmen, 1987) começaram a reunir evidências em relação às quais a discussão contemporânea de empoderamento se baseia. No início dos anos 1990, agências bilaterais e multilaterais se convenceram de que somente uma reforma estrutural e uma distribuição mais equitativa do “poder” poderiam oferecer uma perspectiva de rompimento do ciclo de pobreza endêmica existente em grande parte do mundo.

No contexto histórico, as relações de poder sempre estiveram presentes. Diversos textos relatam a existência dessa relação, como os estudos feministas, que trazem inúmeras

contribuições para ampliação do debate sobre as relações de poder baseadas em gênero. De acordo com Louro (1997,p.39)

[...]homens e mulheres, através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há, constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças. Talvez uma interessante representação dessas práticas seja imaginá-las como semelhantes a jogos em que os participantes estão sempre em atividade, em vez de reduzi-las, todas, a um esquema mais ou menos fixo em que um dos "contendores" é, por antecipação e para sempre, o vencedor.

Segundo Ckagnazaroff e Machado (2008, p.6) o poder pode ser dividido em três pontos:

- o poder como maior confiança na capacidade pessoal para levar adiante algumas formas de *ação*;
- o poder como aumento das *relações* efetivas que as pessoas desprovidas de poder podem estabelecer com outras organizações;
- o poder como resultado da ampliação do *acesso* aos recursos econômicos, tais como crédito e insumos.

Em relação a Associação de Mulheres estudada, percebo os três movimentos do poder circulando. Contudo, pude observar um foco maior nas ações que permitem acesso aos recursos econômicos, como é possível perceber no seguinte trecho de fala de uma associada: “*Foi bom assim porque tem um empréstimo Crediamigo, porque se não fosse pela associação não poderia fazer*” (Eduarda).

Nos dias atuais, a ONU Mulheres, Entidade das Nações Unidas para Igualdade de gênero e o Empoderamento das Mulheres, tem desenvolvido pesquisas e práticas educativas voltadas ao empreendedorismo, vinculadas aos setores que buscam a emancipação das mulheres. Segundo a Cartilha Princípios de Empoderamento das Mulheres, apresenta os sete princípios fundamentais nas políticas de promoção da mulher (2017, p. 3):

1. Estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível.
2. Tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação.
3. Garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa.
4. Promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres.
5. Apoiar empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing.
6. Promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social.

7. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero.

Nessa conjuntura de luta por igualdade entre mulheres e homens a Associação das Mulheres de Una de São José tem buscado criar condições para que as mulheres se tornem capazes de mudar suas vidas, trazendo para debate através dos cursos e palestras sobre, as relações de empoderamento de mulheres e gênero. As práticas que visam o empoderamento dessas mulheres estão ligadas a práticas educativas, pois segundo Ckagnazaroff e Machado(2008, p.6), a partir da educação será possível a transformação da realidade dessas mulheres.

[...]percebe-se que a educação é fator primordial para a mudança da vida dessas pessoas. As sociedades têm se tornado cada vez mais dependentes da palavra impressa, e as pessoas analfabetas são algumas das mais pobres e menos poderosas no mundo. Grupos e indivíduos marginalizados recebem pouca ou nenhuma educação (OXFAM, 2005). A alfabetização pode ser um dos elementos favoráveis ao processo de empoderamento.

As oito mulheres que participaram da entrevista, não são analfabetas, muitas delas, inclusive, possuem curso superior completo, mas independente da formação acadêmica, elas necessitam de ações educativas sobre gênero e empoderamento para que possam mudar a sua realidade social. No próximo capítulo, apresento o que as mulheres entrevistadas pensam sobre gênero e empoderamento de mulheres.

3. GÊNERO E EMPODERAMENTO NA VISÃO DAS MULHERES DA ASSOCIAÇÃO DE UNA DE SÃO JOSÉ

A partir das entrevistas pude perceber que as mulheres pesquisadas já começaram a mudar seus papéis, tanto na comunidade em que vivem como dentro de suas próprias casas. As mulheres da associação de Una de São José. Além do trabalho doméstico, desenvolvem atividades de empreendedorismo através das ações realizadas após estarem vinculadas à Associação.

Para refletir sobre a importância das práticas educativas no empoderamento dessas mulheres entrevistei oito mulheres da associação de Una de São José, na área rural do município de Pedras de Fogo- PB.

Os resultados do meu trabalho são descritos a seguir. Para garantir o anonimato, as mulheres serão aqui chamadas de Maria, Aline, Paula, Eduarda, Teresa, Francisca, Joana e Laura, nomes fictícios atribuídos aleatoriamente a cada uma delas.

3.1 Perfil das mulheres , sujeitos da pesquisa

- **Maria** é a presidente da associação, tem 46 anos, vive em uma união estável, é mãe de seis filhos, sendo quatro mulheres e dois homens, trabalha de assessora na prefeitura, desempenhando o papel a frente das políticas públicas para as mulheres. Ela me recebeu muito bem, mostrou-se muito disponível para ajudar nas questões que fossem colocadas e falou sobre suas experiências de vida.
- **Aline** tem 47 anos, é professora na escola da comunidade, vive em uma união estável, tem um filho. Quando falei com ela sobre a entrevista ela se mostrou um pouco tímida, independente da nossa relação de trabalho (ela é minha colega na escola). No decorrer da entrevista, ela acabou se sentindo à vontade para responder as perguntas solicitadas.
- **Paula** tem 31 anos, é casada e mãe de três filhos, sendo uma menina e dois meninos. Ela é a segunda fiscal da Associação, atualmente ela está montando seu salão de beleza, para iniciar seu próprio negócio, também foi muito receptiva. Percebi que ela tinha receio em participar da Associação devido a questões políticas, mas ela afirmou que depois de ter participado de uma reunião seu olhar acabou mudando e viu que isso não havia no ambiente da Associação.

- **Eduarda** tem 26 anos, vive em uma união estável, é mãe de três crianças, sendo dois meninos e uma menina, trabalha no correio da comunidade. Ela foi a associada que mostrou maior timidez, mesmo me conhecendo a mais de cinco anos. Sempre que eu fazia as perguntas ela, respondia com respostas curtas “sim, não”.
- **Teresa** tem 28 anos, trabalha como professora do município durante o turno da tarde, é casada, tem dois filhos, uma menina e um menino. Como também já havia trabalhado comigo, Teresa se sentiu muito à vontade, fez algumas brincadeiras antes da entrevista, disse que está associada há poucos meses e que talvez não soubesse responder tudo, mas acabou me surpreendendo com suas respostas.
- **Francisca** tem 35 anos, é casada, mãe de uma menina e um menino. Ela me recebeu muito bem em sua casa, chamou para entrar, não teve barreiras para responder a entrevista.
- **Joana** tem 26 anos, é monitora em uma escola do município durante o turno da tarde, é casada e “ainda não tem filho”, segundo ela. Percebi que ela ficou um pouco acanhada, mas no desenrolar da entrevista acabou dando até umas risadas.
- **Laura** tem 32 anos, é casada e mãe de uma menina. Ela é a vice-presidente da Associação. Laura também foi uma pessoa que me recebeu muito bem, se sentiu muito à vontade durante a entrevista, falou sobre suas experiências de vida, como se fôssemos amigas de longas datas.

3.2 As práticas educativas realizadas da Associação de Una de São José

Nesta parte do trabalho me dedico a refletir sobre as práticas educativas desenvolvidas pela Associação voltadas ao empoderamento das mulheres. Durante as entrevistas, ao serem questionadas sobre as práticas educativas que a Associação desenvolve - se elas conhecem e se mudou (daram) em alguma coisa a partir desses processos educativos, na sua perspectiva de vida (desejo em buscar novos conhecimentos, maior formação educacional) - pude perceber que são nítidas as mudanças, conforme exposto nas suas falas a seguir.

As mulheres entrevistadas relatam que conhecem as práticas educativas realizadas pela, mas que as vezes deixam de participar por falta de tempo, como podemos ver na fala de Joana.

Eu não participei ainda, porque você não tinha tempo e às vezes não tinha como ir, e os problemas também se torna a distância - Joana

Mas, muitas delas, também afirmam mudanças em suas vidas através dos processos educativos ofertados pela Associação, que foram de fundamental importância para a melhoria na perspectiva de vida e nos sonhos dos seus próprios negócios. Vejamos o que elas dizem:

Mudou o que que mudou, assim, eu eu tive mais alguns conhecimentos através de Maria... eu sei que ainda falta muita coisa para. Mas eu acredito que mudou alguma coisa mudou e ao mesmo tempo não eu já tinha algum conhecimento aí muitas coisas que eu já tinha conhecimento aí essas coisas aí sobre o direito da mulher eu só tenho conhecimento que só assim que clareou - Aline

Mudou bastante quando eu entrei eu só tinha a perspectiva daquela sala de aula de correr em busca de um trabalho da prefeitura. E hoje não, eu quero ter o meu negócio em nome de Jesus, meu próprio negócio - Paula

Mudou principalmente nas práticas, assim, de tomar decisões que muitas vezes elas sempre pedir opiniões as pessoas, antes de me decidir e através de algumas palestras, eu que participei de lá, eu melhorei nessa parte aí - Teresa

As falas de Paula e Teresa demonstram efeitos dos processos formativos em suas vidas, desde o sonho com um negócio próprio até a atitude para a tomada de decisão. Dois elementos importantes nos processos de empoderamento das mulheres. O empoderamento, de acordo com Carvalho, Andrade e Junqueira (2009), “envolve tanto uma dimensão individual

quanto uma dimensão coletiva: o desenvolvimento da auto-suficiência e de habilidades de fazer coisas, definir as próprias agendas de mudança social, organizar-se coletivamente (...).”

Que esses cursos chegam para elas nesses conhecimento né, já teve curso de horta, a gente plantou cultivou junto e tem até outros cursos, assim, que até eu esqueço o nome. [Você já participou desses cursos?] Já sim, eu fui cozinheira, eu preparava comida para o professor e para menina também né, para minhas colegas. [Aí ela fala que participou do eu pergunto qual foi o curso que ela participou e ela disse que foi o curso de horta] - Francisca

Sim porque assim, a cada dia que você passa é uma aprendizagem, e tudo que você [participa], uma reunião, aprende algo diferente, o modo de viver as coisas, o modo de falar o modo de buscar ver o mundo diferente que você é assim porque as coisas são assim você vê as coisas e se você se reunir com as pessoas tem como você chegar naquele objetivo o incomum para todos porque se associar mesmo as pessoas que participassem ia, fundo mesmo e tinha como melhorar aqui a comunidade várias coisas com certeza porque no tempo que estava faltando água foi através da associação que a gente fez reuniões que a fé é aquela assinatura do grupo de mulheres, as assim é porque agora tem pouca gente mas se tivesse mais gente era muito melhor tinha um objetivo para crescer, basta todo mundo, uma andorinha só não faz verão né tem que ser em conjunto - Laura

Ai como eu conheço várias mulheres que tem através da ali teve ideia de criatividade e hoje tem seu próprio negócio - Joana

Os processos educativos também agem por meio da articulação entre as próprias mulheres, constituindo uma rede de contatos e de apoio para a realização de seus projetos e sonhos.

A fala de Laura chama atenção para a importância das ações coletivas, de constituição de grupo. Os trechos das entrevistas com as mulheres da Associação são muito interessantes para visibilizar a potencialidade de processos de educação não escolar para fortalecer os grupos. Suas falas mostram, também, a importância do desenvolvimento de atividades entre mulheres como estratégia de empoderamento, tão necessário em uma sociedade rica em desigualdades de gênero como as nossas. Acredito que as mulheres precisam aprender a

tornarem-se empedradas e lutarem para a realização de seus sonhos, contribuindo para uma sociedade mais justa. Para Ckagnazaroff e Machado (2008,p.6) , “percebe-se que a educação é fator primordial para a mudança da vida dessas pessoas”.

3.4 Quais mudanças ocorreram em sua vida após tornar-se associadas?

Ao serem perguntadas acerca de possíveis mudanças ocorridas em suas vidas após ingressarem na Associação, as mulheres disseram:

Eu acho que é assim, quando a gente é dona de casa e a gente fica muito presa só ao lar, quando aparece uma oportunidade de participar de cursos aquilo vai ativando a mente querendo desenvolver mais atividades, aquele curso de artesanato ela tocava bastante nisso. Eu vejo também que algumas pessoas também mudaram o pensamento depois da associação, nossa muita gente desenvolve trabalho com artesanato com outra faz bolo outras produzem salgado e através da associação quando que ela trouxe alguns cursos - Paula

Foi bom assim porque tem um empréstimo crediamigo, porque se não fosse, pela associação não poderia fazer e talvez nem conhecia o crediamigo - Eduarda

Aconteceu porque a associação tem um grupo do crediamigo, onde as pessoas se associam e formam aquele grupo para o crescimento profissional, ai eu fiz parte desse grupo. Eu já era participante da associação, mas não era associada e sou associada há 2 meses, mas já fazia parte há um bom tempo. E desde que foi fundada, que era um sonho da minha mãe era fundar uma associação, desde que ela teve esse sonho de fundar, a gente vinha sonhando junto com ela, ai o crediamigo agrupa aquele grupo de mulheres para crescer profissionalmente, ai eu me agrupei a essas mulheres, e fiz um empréstimo do crediamigo e hoje eu tô revendendo shampoo de salão de 1 litro - Teresa

A gente conheceu esse, banco, é o Banco do Nordeste que trouxe o empreendedorismo - Francisca

Tem várias mudanças porque, assim através da associação a gente entrou no grupo do crediamigo, do crediamigo eu já trabalhava com as atividades, que eu vendia eu comecei vendendo Avon eu tinha 10 anos de idade eu vendia Avon vendia a Hermes naquele tempo agora era muito bom, de vender agora hoje em dia não dá futuro mais não mas mesmo assim eu deixei de vender minha e continue com Avon com a Natura vejo minha lingerie da diamante que eu gosto vendo da La Paola também, isso também possibilitou minha mudança de vida porque você faz entra no projeto, o projeto aí tira aquele dinheiro e começa a investir aí já vai mudando, você já vendi mais, compra outras coisas diferentes -

Laura

de um empréstimo para que elas abrissem seu próprio negócio e ascendessem de classes social a qual estavam inseridas. Apesar de todas as críticas que podem ser feitas à relação entre empreendedorismo e empréstimos bancários - que em uma sociedade capitalista como a nossa, não podem passar despercebidas - é perceptível a alegria dessas mulheres por poderem abrir pequenos negócios, venderem produtos e gerarem renda, pois, muitas vezes a condição de opressão está associada à dependência financeira de seus companheiros. Conclusão similar foi encontrada nos estudos de Bronzo:

[...]pobreza — como fenômeno que envolve dimensões objetivas de falta de recursos e também dimensões subjetivas relativas a valores e comportamentos —, é necessário alterar as condições limitadoras, investir no empoderamento, na autonomia, nas competências e na capacidade de autodesenvolvimento, visando à ampliação da capacidade de ação das pessoas para a superação da pobreza (Bronzo, 2008, apud MOREIRA, 2010).

3.5 Motivações e empoderamento

As mulheres da Associação, quando foram questionadas sobre as motivações e os processos de empoderamento, mencionaram, entre outras coisas: que o sonho de vida seria aumentar seus conhecimentos, buscar uma nova formação, abrir ou continuar com um negócio. Essa perspectiva de visão empreendedora ficou a florada após um curso chamado *Negócio Certo*, ofertado pela associação com a parceria com a Casa do Empreendedor do município. Vejamos o que dizem as mulheres entrevistadas em relação aos seus desejos de futuro.

Fazer uma faculdade fisioterapia - Eduarda

O meu sonho, como eu já fiz o curso de cabeleireira, ter meu salão e, se Deus quiser, eu vou ter - Paula

Meu sonho é assim agora nesse momento é conseguir um sonho que eu tenho na vida é ter um estudo mais, para me tornar uma pessoa que uma situação, por mim mesmo que eu não precisa depender de ninguém - Joana

É esse fazer o curso de medicina é aquela coisa, e penso assim, meu Deus esse outro curso de enfermagem, mas eu não quero enfermagem, um curso técnico, quero um superior que eu possa trabalhar, na área da saúde, também, como na área da medicina. É porque o meu sonho da minha vida é ser médica, que eu gosto de ajudar, eu gosto de fazer aquilo eu amo essas coisas é isso aí ajudar as pessoas. Meu sonho que eu tenho é esse que assim, é que meu curso na área de Saúde - Laura

Nas falas dessas mulheres pude observar que a Associação tem um papel transformador na vida delas, pois contribui para que elas acreditem na realização de seus sonhos. Obviamente que ainda há grande caminho a percorrer. Em relação ao empoderamento, as questões e ações ainda precisam ser mais difundidas e abordadas de uma forma mais ampla, para que as barreiras que permeiam sobre suas vidas sejam ultrapassadas como as questões de gênero. Só assim, o empoderamento poderá tornar-se mais real do que utópico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) busca revelar “O que dizem as mulheres da associação de Una de São José sobre os seus processos de empoderamento?”. Meu interesse em pesquisar a Associação das Mulheres de Una de São José partiu das minhas inquietações e de minha história de vida, ligadas ao empoderamento de mulheres e também do interesse em conhecer a maneira a qual esse empoderamento vem acontecendo na comunidade de Una de São José, tendo em vista que as mulheres da associação têm lutado por melhorias em suas vidas através das vivências e ações realizadas por meio das práticas educativas desenvolvidas pela associação e com as instituições parceiras.

Percebi, durante as entrevistas, que as práticas desenvolvidas pela associação foram voltadas para o empoderamento, e uma que mais ficou ressaltada pelas mulheres foi a criação do grupo para empréstimos financeiros, com a finalidade de proporcionar a abertura ou ampliação do seu próprio negócio e assim tornarem-se independentes financeiramente, um passo muito importante rumo ao empoderamento e independência dessas mulheres.

Observei que as práticas educativas na Associação tiveram uma importância para o empoderamento, outro fator que marcou as falas das mulheres foi a falta de tempo para participar das reuniões. Em oportunidade sugeri que elas organizassem seus encontros durante os dias de sábado, para que todas pudessem participar e lutar por melhorias para suas vidas e para a comunidade em que estão inseridas.

É importante ressaltar que a pesquisa me ajudou na prática em sala de aula, pois despertou a necessidade de uma educação que não seja machista e patriarcal, e que eu possa contribuir na formação das/os meninas/os que são filhos e filhas dessas mulheres, e que junto com escola e dentro de sua casa já começaram a transformação desses estereótipos gênero arraigados por décadas.

Compreendi que esse tema ainda precisa ser mais discutido e disseminado, não apenas dentro da comunidade de Una de São José, mas nas universidades, nas associações de bairro, nas esferas municipais, estaduais e federais, em todos os locais em que as mulheres estejam inseridas tendo em vista que nos dias atuais ainda exista um tabu em relação as questões de empoderamento de mulheres, e que as políticas públicas possam chegar mais perto dessas mulheres, como saúde, educação, moradia e apoio para caso de violência física, sexual e psicológica.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF:1988
Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/constituicao/constituicaocompilado.htm> >
acessado 23/04/2018.
- CALDART, Roseli Salete. *Escola do campo em movimento*. In: Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp.60-81, Jan/Jun,2003. ISSN 1645-1384 (online). Disponível em:
<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-1/Educacao-MII/3SF/A_ESCOLA_DO_CAMPO_EM_MOVIMENTO.pdf>
Acesso em: 04/04/2018
- CALDART, Roseli Salete, (Org). **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em:< <http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf> >. Acesso em: 15/04/2018
- CARVALHO, M.E.P; et al. **Gênero e diversidade sexual: Um glossário**. João Pessoa: 2009. Disponível em:< security.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/didaticos/genero-e-diversidade-sexual-um-glossario>
- CKAGNAZAROFFE, I. B; MACHADO, M.L.J . **Empoderamento de Mulheres: Avaliação de Impacto de Uma ONG na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. In: XXXII Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, 1-16. Setembro, 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/APS-C2439.pdf> Acesso em: 02/05/2018
- FALSBORBA, Orlando. **Aspectos teóricos da pesquisa participante**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Pesquisa participante. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Disponível em : < <https://dicionarioaurelio.com/patriarcado>> acesso em: 12/06/2018.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MOREIRA, N. C.et al. **Empoderamento das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família na percepção dos agentes dos Centros de Referência de Assistência Social**. Rio de Janeiro,403- 424. 2012. Disponível em : www.scielo.br/pdf/rap/v46n2/a04v46n2.pdf
Acesso em : 20/04/2018

NEVES, D.P.; MEDEIROS, L.S. (Orgs.). **Mulheres camponesas: Trabalho produtivo e engajamentos políticos.** 210-280. Niterói: Alternativa, 2013.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária.** São Paulo: Labur Edições, 2007

ONU MULHERES. **Princípio de Empoderamento Para Mulheres.** Brasília: ONU MULHERES, 2017. Disponível em: www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_WEPs_2016.pdf . Acesso em 28/05/2018

SILVA, Edvânia Aparecida. **Mulher do Campo: Educação e relações de gênero.** In: 17º Congresso de Leitura do Brasil, - UNICAMP - Campinas, SP. De 20 a 24 de julho de 2009 ISSN: 2175-0939. Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE_2269.pdf

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. **Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas.** *Rev. Bras. Estud. Pedagog.* [online]. 2015, vol.96, n.244, pp.561-576. ISSN 0034-7183. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/345513545>>.

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
PEDAGOGIA ÁREA DE APROFUNDAMENTO
EDUCAÇÃO DO CAMPO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora,

Esta pesquisa é parte integrante do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Pedagogia (Área de Aprofundamento em Educação do Campo), ofertado pelo Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba e trata dos processos de aprendizagem e empoderamento das mulheres que participam da Associação de Mulheres de Una de São José. Tal pesquisa está sendo desenvolvida por LÊDA MARIA SILVA DE SOUZA NETA, sob a orientação da Professora Dra. Jeane Felix da Silva.

Esta pesquisa tem por objetivos: conhecer as práticas educativas desenvolvidas pelas mulheres da associação e refletir sobre a importância das práticas educativas no empoderamento dessas mulheres.

Desse modo, solicitamos sua colaboração para participar de entrevista gravada, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no TCC e em eventos da área de educação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas. Caso decida não participar do estudo ou resolva, a qualquer momento, desistir, não sofrerá nenhum dano.

A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

LÊDA MARIA SILVA DE SOUZA NETA
 (81)993085900 ledamaria_souza@hotmail.com.br

Eu, _____, RG _____, CPF _____, diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

 Assinatura da Participante da Pesquisa

APÊNDICE- B ROTEIRO DE ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

PEDAGOGIA ÁREA DE APROFUNDAMENTO EDUCAÇÃO DO CAMPO

Roteiro de Entrevista

Identificação:

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo
4. Estado civil

Bloco 1: Escolarização

5. Estudou ou estuda?
6. Até qual ano/série? Em alguns casos, perguntar sobre curso superior
7. Como aconteceu sua escolarização (por meio da EJA ou regular)?
8. Durante sua vida escolar, quais foram as maiores dificuldades e potencialidades?
9. Sua família (pai, mãe e outros) influenciavam para que você fosse à escola? Se sim, como?

Bloco 2: Atividades educativas da/na Associação

10. Você conhece as práticas educativas desenvolvidas pela associação? Qual?
11. Você já participou de alguma dessas atividades? Qual (quais)? (Obs. Quando couber: Em alguma atividade você foi ministrante?)
12. A(s) prática(s) educativa(s) realizada(s) pela associação mudou(daram) em alguma coisa sua perspectiva de vida (desejo em buscar novos conhecimentos, maior formação educacional)?

13. Você gosta de participar das atividades educativas que associação oferece? Se sim, qual (is)? Por quê?

Bloco 3: Motivações e empoderamento

14. Qual sua motivação de vida (sonho)?

15. Há quanto tempo você está filiada à associação das mulheres de Una de São José?

16. O que lhe levou a fazer parte da associação?

17. Quais mudanças ocorreram em sua vida após tornar-se associada?

18. Como se dá sua participação na associação?

19. Você se sente uma liderança?

20. Você já representou a associação em algum evento/reunião etc.? Como você se sente?

21. Na sua percepção, você já influenciou ou influencia outras mulheres? Como?